

Entrevista

COM o Dr. Rildo Cosson.

POR Begma Tavares Barbosa\*

begma@acessa.com

\* Dra. em Letras pela PUC/RJ e professora do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.

Rildo Cosson – Mestre em Teoria da Literatura, doutor em Letras com pós-doutorado em educação – vem oferecendo contribuições valiosas aos professores com suas pesquisas sobre a Literatura na escola. Nesta entrevista, recuperamos algumas dessas contribuições retomando dois de seus livros: “Letramento Literário: teoria e Prática” e o mais recente “Círculos de Leitura e Letramento Literário”. O professor Cosson nos fala também sobre outros temas relevantes da educação e sobre um tipo de “letramento” ainda pouco discutido entre nós, apesar de sua relevância: o “letramento político”.

**RPL: Penso que uma das grandes contribuições do seu livro “Letramento Literário: teoria e prática” é a problematização de algumas crenças, como a de que “na escola não se deve estudar literatura, apenas ler literatura.” A esse respeito, há uma afirmação provocadora que gostaríamos que comentasse: “Apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola.”**

Acontece que muitos professores que amam a literatura ficam desesperançados frente às dificuldades impostas pela escola ao letramento literário. Sem vislumbrarem uma forma de enfrentar essas dificuldades, pensam que se, pelo menos, levarem os alunos a ler obras literárias já terão cumprido sua missão. Essa atitude minimalista, porém, termina por levar o ensino da literatura ao descrédito porque com ela se está renunciando à própria razão de ser da escola e, por extensão, ao letramento literário enquanto um processo de aprendizagem. Além disso, “apenas ler” é uma ilusão, pois ninguém nasce leitor e se leio dessa ou de outra maneira é porque aprendi a ler dessa ou de outra maneira. Ao

defender a "simples" leitura, defende-se, na verdade, uma maneira tradicional de ler ou, pior que isso, nega-se aos alunos o ensino da leitura literária, deixando-os sem orientação em relação aos protocolos e mecanismos da literatura, o que pode levar ao abandono da leitura literária por ser considerada como uma atividade de elite ou inacessível, ou seja, justamente o oposto do que se pretendia obter com a proposta inicial. Dessa maneira, em lugar de uma suposta leitura deleite que o apenas ler subscreve, tem-se é um leitor sem competência para ler porque simplesmente não lhe foi dada a oportunidade de aprender a ler literariamente os textos que lhe são apresentados.

**RPL: No Ensino Médio, o "ensino de literatura" define-se, principalmente, como ensino de História da Literatura e abrange, essencialmente, a leitura do cânone literário. Embora se possam reconhecer avanços nos livros didáticos relativos às atividades de mediação na leitura literária, a grande maioria dos manuais reafirma esse modelo. Que alternativas se poderiam apresentar a ele?**

Na verdade, temos aqui duas questões. A primeira é a falência do livro didático enquanto instrumento de ensino. Em nossos dias, o livro didático deixou de ser a "muleta" que se criticava anteriormente e passou a ser simplesmente um empecilho para um ensino de qualidade e isso não apenas na área da literatura ou língua portuguesa. A ideia de um livro que funcionasse como uma antologia textual, guia curricular e caderno de atividades pertence ao passado. O acesso à miríade de textos da internet e as muitas formas de expressão do conhecimento possíveis na escola tornou o livro didático um objeto obsoleto que só permanece na sala de aula por conta da inércia do sistema e dos interesses envolvidos nas compras vultosas do governo. A segunda questão, mais delicada, envolve a formação do docente e a compreensão do que seja a literatura. Nossa formação em Letras ainda é bastante tradicional e nosso professor tem dificuldade de lidar com outros suportes da literatura que não o livro. Com isso, estreitam-se os limites do literário e as alternativas de um ensino que tome a literatura como uma forma de expressão cultural única em sua relação com a linguagem. O que resta é uma visão sacralizada e sacralizadora do cânone cada vez mais distante

dos alunos e até mesmo do professor. Como enfrentar essas duas questões? Promovendo uma formação mais ampla do professor de literatura e tendo maior clareza do campo literário e do objetivo do letramento literário na escola.

**RPL: Se estamos avançando nas discussões do currículo do Ensino Fundamental, o mesmo não se pode dizer do Ensino Médio. Um dos desafios da educação brasileira, a meu ver, é a construção de uma boa escola para a juventude. Que contribuições a literatura pode oferecer à formação do jovem?**

Acredito que o papel da literatura na vida dos jovens é igual ao dos adultos e das crianças, ou seja, de todos nós: experienciar a liberdade de um mundo de palavras ao mesmo tempo que nos oferece palavras para dizer o mundo e a nós mesmos. Em particular, a literatura pode oferecer ao jovem um mundo de possibilidades de ser e até mesmo a invenção de novas e outras possibilidades de viver. A literatura, nesse sentido, oferece ao jovem um horizonte mais largo de "bildung", um horizonte que, obviamente, também existe fora do campo literário, mas que no caso da literatura demanda uma relação mais intensa com a palavra e, por essa razão, com mais impacto no seu desenvolvimento intelectual que, de uma forma ou de outra, depende da palavra para se efetivar.

**RPL: Além de discutir o "letramento literário", o sr. vem discutindo também o "letramento político". A que a expressão faz referência? Qual é o papel da escola na promoção desse tipo de letramento? Como fazê-lo?**

A expressão é mais conhecida no mundo anglofônico, sobretudo a partir dos anos 90, quando o chamado Relatório Crick estabeleceu o letramento político como uma das três vertentes da educação política naquele país, inclusive com a criação de uma disciplina que se faz presente em todo o ensino básico. De um modo bem amplo, o letramento político remete à aprendizagem cultural da política, à competência que todo cidadão precisa ter para ser cidadão, tanto em sua relação com o estado quanto em relação à comunidade em que vive. Em

nosso caso, o letramento político é essencial porque precisamos promover e fortalecer nossas instituições políticas e as práticas democráticas em uma sociedade que tem uma história de autoritarismo, práticas patrimonialistas, clientelismo e tudo o mais que leva a maioria dos cidadãos a ver a política como algo apartado de suas vidas e a democracia como um mero ritual a ser cumprido a cada par de anos. Nesse sentido, o letramento político é responsabilidade de todos: os cidadãos e as instituições. Em especial, cabe à escola o ensino sistemático da democracia não apenas e simplesmente como uma forma de governo, mas sim e, sobretudo, como uma forma de organização social que tem como eixos a liberdade e a igualdade de todos com todos. Esse ensino, naturalmente, não pode ser livresco, no sentido de um saber meramente conceitual e abstrato. Ao contrário, precisa ser - e só tem sentido se for - uma prática refletida.

**RPL: Seu mais novo livro – “Círculos de leitura e letramento literário” - registra experiências com a literatura. Poderia falar um pouco da organização de círculos de leitura e de comunidades de leitores na escola? Além dessas experiências com a literatura, que outras o sr. nos apresentaria como práticas promissoras para formar leitores literários?**

O livro Círculos de Leitura apresenta parte de uma pesquisa mais ampla que fiz sobre leitura coletiva. A questão básica dessa pesquisa era: o que acontece quando lemos juntos um mesmo texto? A resposta desejada era que quando lemos juntos compartilhamos o entendimento daquele texto e também de protocolos de leitura, participamos de e construímos uma comunidade de leitores. A investigação, que teve um campo bem mais amplo do que a escola, consistiu em verificar como diversos grupos de leitores organizavam e praticavam suas leituras coletivas, como constituíam suas comunidades. Descobrimos que a prática de leitura mais comum desses grupos é justamente o círculo de leitura, que assume denominações e funcionamento diferentes, conforme os membros e os objetivos de cada comunidade de leitores. Idealmente, a escola deveria se constituir em uma comunidade de leitores, como são exemplos os programas de leitura que envolvem toda a escola, mas isso

nem sempre acontece. As causas da falência da escola enquanto comunidade de leitores vão desde a ausência de bibliotecas até a estranha concepção de que leitores devem ser apenas os alunos, nunca os professores e os demais membros da comunidade escolar. Em algumas escolas, as salas de aula se transformam em comunidades de leitores graças ao empenho de um ou dois professores que compreendem que a formação do leitor não pode ser reduzida a tarefas pontuais de leitura. Mas esses professores nem sempre recebem apoio, seja administrativo, seja pedagógico, sobre como proceder para tornar a sala de aula em uma comunidade de leitores permanentemente. É por isso que escrevemos o livro, buscando sistematizar uma série de práticas de leituras, tendo a organização e funcionamento dos círculos de leitura como uma atividade central, mostrando como elas conduzem ao letramento literário e à formação de comunidades de leitores.

**RPL: O que o sr. diria aos professores que, amantes da literatura, atuam na formação de apreciadores dessa arte? Como enfrentar a resistência de leitores "iniciantes", resistência que decorre, em muitos casos, da dificuldade de compreender o texto literário e suas estratégias?**

Em primeiro lugar, precisamos ter claro que as dificuldades de leitura decorrem mais do capital cultural do leitor, da sua competência de leitura, das estratégias que ele usa para ler o texto do que o suposto hermetismo dos textos. Com isso, não estou dizendo que não há textos complexos ou de difícil compreensão, mas sim que devemos, enquanto professores de literatura, mudar o foco tradicional do ensino centrado no texto para o ensino centrado no leitor, na formação do leitor literário. Essa mudança de foco nos permite compreender melhor em que consiste essa "resistência" e buscar maneiras mais eficazes de enfrentá-la. Em segundo lugar, as dificuldades de leitura são, em muitos casos, consequências de um ensino fragmentado e sem objetivos claros, um ensino "impressionista" para lembrar da crítica feita com base em critérios pessoais de erudição e bom gosto. Cabe, portanto, ao professor promover um ensino sistemático e sistematizado da literatura com o fim primeiro de formar o leitor literário.